

## 2. O encontro com a poesia

### A interpretação do hino “Germânia”

A interpretação deste poema gira em torno de três pontos. O primeiro consiste em abrir, mas, também, inaugurar um caminho que permita um encontro com a poesia de Hölderlin. O segundo ponto consiste em compreender a disposição fundamental na qual o poeta está inserido. E o último ponto trata da questão do diálogo com o mundo grego.

Para Heidegger, e ele usa esta expressão diversas vezes no texto, o homem encontra-se expulso da poesia. E o que será que isso significa? Segundo o filósofo, o homem perdeu a capacidade de escutar o poema, pois se encontra enredado na trivialidade do cotidiano, e as coisas no cotidiano tornam-se desgastadas pela repetição. A poesia de Hölderlin, ao contrário, torna-se, a cada dia, maior e mais estranha diante deste estado de coisas.

Quando Hölderlin fala da poesia, ele certamente não está se referindo às suas vivências íntimas, mas, sim, a uma experiência mais extrema de uma nua exposição às intempéries. O poeta deve suportar esta linguagem sem se esquivar. A linguagem aqui é a linguagem dos deuses. Para Heidegger, a poesia não pode ser entendida como uma realização cultural do homem e, por conseguinte, não pertence ao âmbito do progresso. Tudo que o homem produz tem a sua necessidade e da mesma forma o seu mérito, mas a poesia se opõe a este estado de coisas.

Com efeito, o poema não é um texto plano que possui um sentido único, por isso a poesia é um dizer que arrasta aquele que se põe a ouvi-la. E só um diálogo permite uma escuta e um dizer autênticos: “Só quando regressamos a nós, depois de termos experimentado o poder essencial das coisas, vimos para junto

uns dos outros, e somos uns com outros e uns para os outros.”<sup>1</sup> Neste sentido, para Heidegger, é somente a partir de um diálogo, e, não de uma atitude passiva, que um encontro com a poesia se faz possível.<sup>2</sup>

### A dimensão poética

A interpretação do poema “Germânia” versa, sobretudo, sobre a questão da dimensão poética e isso pela caracterização da disposição fundamental na qual sempre está inserido o poeta. A noção de disposição fundamental remete desse modo a um estar situado, importa saber que: “a voz do dizer tem de estar afinada”<sup>3</sup>, e isto quer dizer que o poeta fala sempre a partir de um humor que define o âmbito sobre o qual e no qual o dizer poético instaura um ser. É necessário ressaltar que esse humor não tem nada de psicológico e que a disposição não se apresenta como um simples acessório para o poema, pois trata-se, antes de tudo, de um acontecimento que abre o mundo e que, por sua vez, recebe no dizer poético a marca do ser.

Mas qual é disposição fundamental abordada aqui? A interpretação de Heidegger segue um fio condutor: a fuga dos deuses. Daí a tonalidade fundamental de luto na qual o poeta está inserido. No entanto, o poeta sabe que os deuses antigos não podem mais retornar: “Deuses sumidos! Também vós que estão presentes,/Outrora mais verdadeiros, tiveres vosso tempo!”<sup>4</sup> Porém, o luto não é uma mera nostalgia, pois os deuses continuam perdurando na forma de uma ausência. Assim no hino “Germânia”, Hölderlin volta-se para o passado tomado pela dor da ausência dos deuses, mas tendo em vista que esta ausência revela também a presença do sagrado. Permanece a condição divina que permite a renúncia e ao mesmo tempo a permanência do amor. A fuga dos deuses vigora sob uma forma obscura, mas ainda poderosa, já que a ausência dos mesmos deve ser suportada e o sagrado, por outro lado, revelado.

<sup>1</sup> HEIDEGGER, M., *Hinos de Hölderlin*, p.75.

<sup>2</sup> Para Heidegger, os estudiosos de história da literatura inevitavelmente consideram o diálogo da filosofia com a poesia uma violação não científica do que este conhecimento toma como tal. Por outro lado, os filósofos consideram este diálogo infrutífero e incapaz de gerar conhecimento.

<sup>3</sup> HEIDEGGER, M., *Hinos de Hölderlin*, p. 81.

<sup>4</sup> WERLE, M. A., *Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger*, p.142. Os versos do hino “Germania” citados no presente trabalho foram traduzidos pelo autor do livro.

A disposição fundamental é um luto sagrado. O sagrado aqui não é um mero adjetivo, mas sim aquilo que leva a disposição para longe de toda casualidade e de toda indefinição. Mais uma vez, Heidegger vai primeiramente definir este luto negativamente. O luto não é uma lamúria, nem uma tristeza difusa, e muito menos fugaz, também não é uma melancolia. Mas também, o sagrado não esgota a essência da disposição fundamental que aqui predomina. A disposição fundamental é antes um acontecimento que abre e funda. As disposições são o poder que tudo atravessa e envolve e o poeta assim se encontra disposto, a saber, radicalmente aberto àquilo que é.<sup>5</sup>

Pelo fato do homem ser considerado um corpo provido de alma ou ainda como um ente que possui razão e, além disso, ser reconhecido como um sujeito, as disposições são vistas como puramente subjetivas e isto quer dizer que as disposições se encontram lá no interior desse eu. Só que este eu, para Heidegger, soa como alguma coisa fantástica e, mesmo assim, esta é a idéia com a qual o homem encontra-se familiarizado. Para o filósofo, o luto sagrado não é um acaso, não é um sentimento que o homem pode a qualquer hora descartar; antes, a poesia diz algo de fundamentalmente essencial sobre o ser.

Neste caso, o luto é algo de sagrado na medida em que delimita a posição do poeta, pois o situa no seu próprio tempo. E como já foi dito, a ausência dos deuses revela a presença do sagrado exatamente porque os deuses não são algo que simplesmente não é mais no sentido cronológico do tempo, mas um acontecimento. O poeta não tem a intenção de trazê-los de volta, isto não poderia ser, nem faria nenhum sentido. Ele sabe que a fuga dos deuses não destrói algo que foi em sentido essencial, por isso, permite que permaneçam assim.: “ Não eles, os bem-aventurados que surgiram,/ As imagens dos deuses na terra antiga./ Eles não devo mais chamar, mas se/ Vós, ó águas pátrias! Se convosco agora/ Se

---

<sup>5</sup>Na disposição, o *Dasein* já se colocou sempre diante de si mesmo e já sempre se encontrou, não como percepção, mas como um dispor-se no humor. No entanto, o humor não realiza uma abertura no sentido de observar o estar-lançado e sim de enviar-se e desviar-se. Esse desvio, por sua vez, é o que é no modo da disposição. Mas, além dessas duas determinações essenciais da disposição, isto é, a abertura do estar-lançado e a abertura do ser-no-mundo em sua totalidade, para Heidegger, em *Ser e tempo*, deve-se considerar a disposição como o modo de ser existencial em que o *Dasein* permanentemente se abandona ao mundo e por isso se deixa tocar de maneira a esquivar-se de si mesmo. Na disposição, portanto, subsiste uma abertura com o mundo a partir da qual algo que toca pode vir ao encontro. No entanto, é preciso sublinhar que a *Stimmung*, termo alemão usado por Heidegger para designar tonalidade afetiva, não é nem um sentimento presente na interioridade do eu, nem um afeto que marca o modo como a subjetividade percebe o real. Pelo contrário, ela se mostra muito mais como uma atmosfera que atravessa a totalidade.

queixa o amor do coração, que outra coisa quer o luto divino? Pois cheia de espera/ Repousa a terra e como quando está baixo em dias quentes,/ Cheio de pressentimentos, nos/ Ensombra um céu, seus saudosos!/ Cheio de promessas está e me parece/ Também ameaçador, porém quero ficar com ele./E que para trás a alma não me leve./Para vós, os que já passaram! E que me são muito caros./ Pois ver vosso semblante pode ser mortal,/ E é pouco conveniente acordar os mortos.”<sup>6</sup>

### O tempo dos deuses sumidos

O que passou é um espaço de tempo e não pode mais ser trazido de volta, no entanto, aquilo que foi e que continua sendo se opõe a esse tempo cronológico e impessoal. Este passado que continua sendo atinge o homem de tal modo que na maior parte das vezes ele prefere esquecê-lo, recusá-lo, mas, ainda assim, o tempo passado vem ao seu encontro: “As sombras dos que foram revisitam-nos, vêm ao nosso encontro e são vindouras.”<sup>7</sup>

Para Heidegger, o que é próprio do tempo não reside na seqüência dos agora, e sim naquilo que foi e que vem ao nosso encontro em direção ao futuro, o advir daquilo que será e que revela como tal o que continua sendo. Daí o acontecimento da disposição fundamental. De outro modo, o homem permanece inserido num hoje em contínua mudança. Esse tempo originário que Heidegger precisou em *Ser e tempo* arrasta o homem para a sua possibilidade e ao mesmo tempo para trás, para aquilo que foi, as sombras que vêm ao nosso encontro.

Em tal tempo, o tempo não é, mas há tempo. Heidegger no ensaio “A essência da linguagem” diz: “O tempo temporaliza.”<sup>8</sup> De acordo com o filósofo, temporalizar significa amadurecer, deixar surgir. Pois o passado trazido à fala e a espera sempre nova daquilo que será encontram, como dita Hölderlin no hino “Germânia”: “O campo para ele cultivado, preparada está a oferenda/Para o ágape e vale e rios estão amplamente/ Abertos em volta de montanhas proféticas./.”<sup>9</sup>

No entanto, de acordo com Heidegger, enquanto não formos históricos e, isso, para ele, não acontece enquanto nos mantivermos incapazes de experimentar a temporalidade originária, ou seja, a existência finita cuja essência provém da

<sup>6</sup> WERLE, M. A., *Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger*, p.141-142.

<sup>7</sup> Ibid., p. 106.

<sup>8</sup> HEIDEGGER, M., A essência da linguagem, *A caminho da linguagem*, p.169

<sup>9</sup> WERLE, M.A., op. cit., p.142.

compreensão do ser, não reconheceremos o nosso tempo. Para Heidegger, o *Dasein* é a possibilidade de ser livre para poder ser o mais próprio: “Todo *Dasein* é o que ele pode ser e o modo em que é a sua possibilidade.”<sup>10</sup> Portanto, a reflexão da temporalidade em *Ser e tempo* aflora na obra de Heidegger mesmo quando ele não se refere ao *Dasein* mas ao destino e à história.<sup>11</sup>

O passar aqui não coincide com o perecer, mas sim com um não estar atrelado a uma eternidade que traduz-se por um presente constante e, isto é: “mais concretamente: permanente como o que já vai sendo, presente numa afluência vindoura.”<sup>12</sup> Heidegger fala de um tempo mais próprio que parece absurdo diante da experiência cotidiana do tempo, a saber, a seqüência dos agoras.

Para Heidegger, uma coisa nunca é algo simplesmente dado que pode ser verificado como verdadeiro de uma forma imediata, visto que o reconhecimento de uma coisa passa também pela memória e pela recordação. Uma tal recordação pode ser experimentada na poesia do poeta que inserido numa disposição fundamental de luto recorda o que foi, e ao mesmo tempo, revela o nosso tempo, ou seja, o tempo dos deuses sumidos. Assim sendo, a disposição fundamental constitui um acontecimento e, enquanto tal, uma força que pode abrir e ao mesmo tempo fundar. O tom dessa disposição aponta para o posicionamento do poeta em relação à sua época. Assim, no hino “Germânia”, Hölderlin volta-se para o que foi, os gregos, e também para os modernos, tomado pela dor da ausência dos deuses, mas tendo em vista que esta ausência revela também a presença do sagrado.

A tonalidade fundamental de luto coloca o homem diante dos gregos e dos deuses que habitavam seus templos nesse mundo antigo, mas também o coloca diante da dor de uma ausência que nada pode representar, apenas deslocar o homem para uma relação mais afinada com o que foi em sentido essencial. O poder que desloca, somente ele, é capaz de abrir e fundar visto que um mundo nunca se deixa abrir como uma multiplicidade de coisas percebidas.

Hölderlin espera e só assim canta a fuga dos deuses e ao mesmo tempo a alegria que vibra no interior do luto.

<sup>10</sup> HEIDEGGER, M., *Ser e tempo*, p. 199.

<sup>11</sup> Gianni Vattimo, em *Introdução a Heidegger*, afirma que, quando Heidegger concebe a metafísica como história do ser, uma meditação dessa história chega a ser no sentido mais cabal clarificação da relação ser-tempo.

<sup>12</sup> HEIDEGGER, M., *Hinos de Hölderlin*, p.108.

## A interpretação do hino “O Reno”

O hino “O Reno” foi escrito em 1801 e faz parte dos poemas da maturidade, portanto, pertence ao mesmo círculo da poesia que o hino “Germânia”. Apesar disso, é preciso percorrer o poema em particular devido a sua singular complexidade. Mas, como seria impossível interpretar um poema verso por verso e, da mesma maneira, interpretar toda a obra do poeta, Heidegger, para interpretar este hino, elege uma palavra que, por relacionar de alguma maneira todo o texto, alcança um lugar central na estrutura do poema. A palavra-chave para a compreensão deste poema é destino. Por destino entende-se o ser dos semideuses. No entanto, é necessário ressaltar aqui que o poeta não pensa destino como fatalidade.

Desse modo, o poeta pensa neste hino o ser dos semideuses. E o rio Reno é tomado no poema como um semideus que na sua essência tem a inclinação para o elemento divino, mas também é aquele que desperta o homem para o ser. Para Heidegger, o eixo sobre o qual gira toda a poesia se encontra no início da 10ª estrofe, mais precisamente, nos primeiros quatro versos: “Em semideuses penso eu agora/E devo conhecer os caros/De tantas vezes que a sua vida assim/Me comoveu o peito saudoso,”<sup>13</sup>

Os semideuses são aqueles que estão entre deuses e homens. Eles são, portanto, seres intermediários. Esse ser que aponta para os homens e para os deuses possui a característica tanto de ser determinado como de determinar. É assim que Hölderlin pensa o destino. E, para o filósofo, todo o desenvolvimento do poema procura explicitar o destino do Reno, o mais nobre dos rios. Mas aqui o poeta está longe de uma compreensão conceitual da essência do destino, antes de tudo esse pensamento é um projeto poético.

Para ajudar na interpretação, Heidegger divide as 15 estrofes que compõem o poema em cinco partes: 1. 1.ª estrofe; 2. 2.ª a 9ª estrofes; 3. 10ª a 13ª estrofes; 4. 14ª estrofe; 5. 15ª. E de acordo com Heidegger, esta divisão só se

---

<sup>13</sup> A tradução do hino “O Reno”, usada neste trabalho, encontra-se em HEIDEGGER, M., *Hinos de Hölderlin*, p.150 passim.

tornará compreensível a partir da poesia e só pode ser justificada pela interpretação.

A primeira estrofe serve como ponto de partida para o dizer. Mas há também nesta estrofe uma referência a Dionísio já que a planta mencionada no primeiro verso é a hera, preferida do deus do vinho: “Na hera escura estava eu sentado, à porta/ Da floresta, justamente à hora em que o meio-dia dourado,/ Vinha a descer, visitando a fonte/ Das escadas da cordilheira dos Alpes,”<sup>14</sup>. Dionísio é filho de Sêmele e Zeus, uma mulher e um deus. Por isso, Dionísio é também um semideus: “É uma coisa sendo a outra, isto é, sendo, ao mesmo tempo não é”<sup>15</sup> Assim começa o poema em que o ser dos semideuses deve ser anunciado.

O outro ponto importante que deve ser mencionado ainda sobre a primeira parte trata da descrição da cordilheira dos Alpes. Este é o local de origem do Reno. De acordo com Heidegger, o pertencimento à origem é o fundamento da fidelidade ao ser. Assim o poeta deve permanecer próximo à origem. Heidegger cita o verso do poema “A migração” que diz: “Dificilmente abandona/ o lugar o que mora perto da origem.”<sup>16</sup> Esse pensamento da origem encontra-se no primeiro verso da estrofe IV que exprime todo o espaço do poema. Próximo à origem também deve estar o semideus, pois a origem pode mais do que qualquer outra coisa; é ela aquele princípio cujo poder permanece.

Na estrofe III o poeta diz: “Mas são insensatos/ Os desejos perante o destino.”<sup>17</sup> De acordo com Heidegger, aquele que teima mantém o destino sempre afastado. O desejar insensato vira as costas para o destino. Mas os semideuses não são de modo algum aqueles que desejam em vão. Os semideuses são na verdade aqueles para os quais o destino se transforma em ser.

### O Caráter de mistério do nascido da pureza

A interpretação da segunda parte da divisão concebida por Heidegger pára no início da quarta estrofe: “Um enigma é o que nasce da pureza. Também/ O

<sup>14</sup> HEIDEGGER, M., *Hinos de Hölderlin*, p.147.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p.180.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 183.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p.184.

canto dificilmente o desvendará.”<sup>18</sup> Para Heidegger tão importante quanto os primeiros versos da décima estrofe são estes versos para a compreensão do dizer deste poema. Quatro questões são aqui levantadas pelo filósofo: 1. O que nasce da pureza; 2. Este, enquanto segredo; 3. O canto, ou seja, a poesia; 4. Esta como o que dificilmente poderá desvendar o segredo que nasce da pureza.

Até aqui apenas as três primeiras estrofes foram interpretadas. A primeira, como já foi dito, serve como ponto de partida para o dizer; a segunda trata da origem como tal, são aí referidos os progenitores, a Terra-Mãe e o trovejador, ou seja, Zeus; a terceira, trata do rio enquanto o já nascido que não sabe para onde ir graças à superioridade da origem.

Já na quarta estrofe a origem está relacionada àquele que nasceu, ou seja, a origem não é aquela que se limita a criar outra coisa, mas sim aquele princípio que sobrevive ao nascido, não como algo que se encontra somente no que passou, mas como o que permanece e por isso alcança de frente sempre o já nascido. Tal origem pode mais do que qualquer outra coisa: “Por muito grande que seja a penúria/ E a disciplina, visto que a maior parte/ É devido à nascença, / E ao raio de luz que/ Vem ao encontro do recém-nascido.”<sup>19</sup> Estão associados à origem também a Terra que no hino “Germânia” Hölderlin chama de a mãe de todas as coisas e também a que os homens denominam de oculta. Ela é oculta em sentido originário, pois, como diz o poeta, ela é a que traz em si o abismo. No nascimento encontra-se a origem e também o abismo como um poder da própria origem. Todo nascimento traz, portanto, à tona um abismo. O raio de luz, por outro lado, corresponde a Zeus. Esta origem é afinal a origem dos semideuses. Mas o que nasceu da pureza não se define apenas pela origem.

Daí segue a interpretação do hino, pois apesar da origem ser a primeira, visto que sem ela nada nasceria, participam também do destino a penúria e a disciplina. O nascido tem de sobreviver à penúria que é sempre algo que, não por acaso, atinge o homem e, ao atingi-lo, exige uma decisão; de outro modo não haveria nenhuma determinação ao que procurava simplesmente fluir. A penúria é o limite e a dificuldade que sempre se impõe. Sem ela não haveria caminho. De outro lado, está a disciplina que, segundo Heidegger, introduz uma contenção. Ambas, penúria e disciplina, vão contra os poderes da origem. Um antagonismo

---

<sup>18</sup> Ibid.

<sup>19</sup> Ibid.

nesse caso diz respeito a uma entrega, pois o que está contra o outro também está para o outro.

Heidegger aqui deixa bem claro que a interpretação deste hino não pretende explicar algo, pois, para ele, onde algo já está completamente explicado nada resta para ser compreendido. Compreender um enigma significa deixar ser o enigma: “A compreensão é no fundo - segundo a sua essência originária - o saber do inexplicável...”<sup>20</sup> Assim chega-se ao mistério. E este caráter de mistério faz parte da essência do nascido. Por isso, de acordo com Heidegger, entender o enigma não significa desvendá-lo, e sim deixar permanecer o inexplicável enquanto tal.

Neste limite, os poetas sabem que para eles não há objeto; já sabem também, por isso, que a poesia instaura o ser. Assim, o dizer da poesia libera o homem para a sua destinação. Desse modo, a poesia nunca se limita a dizer o disponível. Dizer significa aqui antes de mais nada: o pressentimento enquanto palavra. Entretanto, pressentir não significa simplesmente conjecturar. Pressentir significa para o poeta corresponder. É, portanto, na poesia que o povo estabelece os caminhos e os limites da sua história:

Embora este dizer seja à primeira vista um simples poema – impresso, multiplicado em muitas folhas e legível aqui e ali, tudo isto não passa de uma aparência, que é uma aparência necessária do próprio Ser, do dizer que aqui se encontra dito, e, mesmo assim, por dizer no próprio povo. Este dizer não se encontra apenas disponível nas suas bibliotecas e livrarias, antes se encontra no meio do centro mais íntimo da sua língua, que só é, e pode ser, o invólucro da comunicação e do encobrimento, visto ser o núcleo do ser-aí histórico, e que só pode, diariamente, calar o seu próprio dizer, na profundidade do seu fluir, com o seu murmurar e o seu bramir, porque no oculto ainda é o rio, ...<sup>21</sup>

## O destino enquanto conflito

Nas estrofes V a IX, Heidegger enfatizará o movimento do rio. Assim a quinta estrofe canta o poder do rio que corre e instaura margens e, ao mesmo tempo, acolhe no seu curso as florestas que, enfeitiçadas, o seguem e os montes que, diante dele, desmoronam-se: “O deixar crescer, como o relâmpago tem/ De cindir a terra, e, como enfeitiçadas, fogem/Atrás dele as florestas, e

<sup>20</sup> Ibid., p. 232.

<sup>21</sup> Ibid., p. 240.

desmoronando-se, os montes.”<sup>22</sup> Uma exaltação de uma tal origem é o que diz o primeiro verso desta mesma estrofe: “Por isso um grito de alegria é a sua palavra.”<sup>23</sup>

Já na estrofe VI surge um primeiro porém: “No entanto um deus quer poupar os filhos/ À vida apressada e sorri”<sup>24</sup> É que a origem divina traz constantemente o perigo da medida excessiva e da dispersão selvagem e, com isso, da devastação. Por isso essa força precisa ser domada: “E é belo ver como ele, a seguir, /Tendo deixado os montes, /Atravessando calmamente a terra alemã, /Se contenta e acalma o desejo.”<sup>25</sup> Assim a força do que nasceu fica dotada de disciplina. Essa, porém, evita a destruição contendo a força selvagem e, desse modo, permitindo a criação. E, como diz o poeta, é belo ver o selvagem alcançar a perfeição. Mas logo em seguida, o ser do que nasceu volta-se novamente para a origem, porque um rio precisa, para fluir, estar constantemente a nascer.

Portanto, os versos das estrofes IV até a IX desenharam a imagem de um movimento que começa com o nascimento e com a sua exaltação que, por sua vez, faz avançar como um selvagem o rio, mas esta força primordial precisa ser contida sob o perigo da devastação, e assim acalma-se o desejo para poder lavrar a terra e alimentar os filhos. Esse rio que corre como um selvagem depois, contida a força destruidora, volta-se novamente para a origem e finalmente atinge o cume. A paixão não está aqui extinta ou negada e a origem não foi esquecida, mas apenas conservada na obra. O ser só se dá enquanto destino quando o conflito conserva-se como intimidade, ou seja, quando aquele que precisa seguir na direção oposta habita ao mesmo tempo perto da origem.

Vimos no início da interpretação que, segundo Heidegger, os primeiros versos da estrofe X constituem o eixo sobre o qual gira todo o poema. O poeta diz: “ Em semideuses penso eu agora/ E devo conhecer os caros/ De tantas vezes que a sua vida assim/ Me comoveu o peito saudoso”<sup>26</sup> Vimos também que os versos que antecedem esta estrofe poetizam o ser dos semideuses. Agora, para a interpretação, a questão do ser se desdobra em outra: Como pensar os semideuses em relação aos homens e também aos deuses?

---

<sup>22</sup> Ibid., p.149.

<sup>23</sup> Ibid.

<sup>24</sup> Ibid.

<sup>25</sup> Ibid.

<sup>26</sup> Ibid., p.151.

De acordo com Heidegger, deve-se pensar este ser a partir dos deuses e outra vez a partir dos homens. Os semideuses como vimos são aqueles que estão entre deuses e homens. Eles são, portanto, seres intermediários: “É uma coisa sendo a outra, isto é, sendo, ao mesmo tempo não é”<sup>27</sup> Os semideuses estão, desse modo, lançados de uma ponta para a outra. Mas esta unidade das possibilidades contrárias, as núpcias dos homens e deuses, celebra tudo que é e assim segundo o poeta: “Compensado está/ Por um instante o destino.” Sabemos, no entanto, que o ser é uma espécie de traço que o homem jamais pode reter, por isso em seguida vem a noite e só agora, segundo Heidegger, é que toda a plenitude do mistério está aberta diante de nós, e só agora o destino está instaurado poeticamente.

Nas estrofes II a XIII o poeta poetiza o destino. Heidegger diz também que o poeta pensa o destino. Neste ponto, pensamento e poesia são o mesmo. Um precisa do outro. Um é o outro. Rimbaud, num certo modo, disse o mesmo com a expressão: “Eu é um outro”<sup>28</sup>. Assim, finalmente, na última estrofe do hino “O Reno”, dita o poeta: “De dia, quando/Febril e acorrentado brilha/ Tudo que é vivo, ou também/ De noite, quando tudo está misturado,”<sup>29</sup>

Ao analisar todo o percurso interpretativo desse hino, vimos que esta poesia é um dizer que nos arrasta para dentro de um turbilhão, pois o dizer do poeta tem que estar numa intimidade com o mistério. Assim o dizer poético atinge o centro do ser e por isso mesmo exige o pensador. Entretanto, é preciso deixar bem claro que, para Heidegger, a dedicação poética à poesia só é possível como confronto pensante. O pensador já sabe que um poema não pode ser explicado, visto que eliminar o inexplicável é também eliminar qualquer possibilidade de compreensão: ver tudo é também não ver nada.

---

<sup>27</sup> Ibid., p.180.

<sup>28</sup> “Je est un autre.”

<sup>29</sup> Ibid., p.153.